



CENÁRIO
MACROECONÓMICO
**UM
COMPROMISSO
AVALIADO
E CREDÍVEL**



ENTREVISTA A
FERRO RODRIGUES
**“POLÍTICA DE
AUSTERIDADE
TEM DE
TERMINAR”**

PÁGINAS 6 E 7

PÁGINAS 8 A 10



A GRANDE FESTA DO POVO SOCIALISTA

PÁGINAS 4 E 5

CLARA AZEVEDO



JÁ CONHECE O
**ACÇÃO SOCIALISTA
DIGITAL DIÁRIO?**

TODOS OS DIAS ÚTEIS,
COM CONTEÚDOS EXCLUSIVOS.

**ATUALIZE OS SEUS DADOS NO PS PARA
RECEBER ALERTAS DAS NOVAS EDIÇÕES.**

LEIA E SUBSCREVA!

www.accaosocialista.pt



DIAS ÚTEIS
17H

QUENTE & FRIO

POR RUI SOLANO DE ALMEIDA

A ESCALDAR

Cenário macroeconómico alternativo

A formação profissional, o investimento em cultura e em ciência são algumas das mais importantes políticas de uma sociedade moderna.

São estas e outras políticas públicas que determinam o crescimento sustentável de um país desenvolvido.

Garantias dadas pelo Secretário-geral do PS, António Costa, no final da apresentação pública do cenário macroeconómico, salientando que este documento pretende ser "uma etapa" para a concretização do programa eleitoral, a ser conhecido a 6 de junho, e que vai "inspirar e motivar a elaboração do programa de Governo" do PS.

QUENTE

Lisboa reduz colossal dívida da direita

Apesar de ter herdado uma colossal dívida da anterior vereação liderada pelo PSD/CDS, a Câmara Municipal de Lisboa, com António Costa, reduziu o passivo em mais de 225 milhões de euros (16%), a dívida global legal baixou em cerca de 25 milhões de euros e a dívida a fornecedores ficou em 5,9 milhões de euros, o que representa uma dívida técnica de zero, refletindo uma situação de quase pronto pagamento.

Ter reduzido a dívida com fornecedores foi, para Fernando Medina, o "maior contributo que a autarquia podia ter dado à economia e à cidade".

FRIO

Um erro de casting

O cinismo, incompetência e a propaganda deste Governo estão a atingir os limites do bom senso e da probidade. Num país governado por gente competente, o secretário de Estado da Saúde, Fernando Leal da Cunha, tinha sido demitido no dia seguinte a ter afirmado com a maior das insolências, e referindo-se ao estado lamentável em que se encontram os serviços de urgência dos hospitais, e à forma como as pessoas são ali tratadas, que "o que vimos foram pessoas bem instaladas e os serviços de urgência a trabalharem muito bem".

Dizer que os serviços de urgência em Portugal funcionam "muito bem", perante uma reportagem de um canal de televisão onde se mostram doentes espalhados em macas pelos corredores, durante dias a fio, só vem provar o que há muito já se sabia: que este Governo é povoado por gente incapaz, insensível e ao serviço de causas que não passam, necessariamente, pelo bem comum.

GELADO

Casamento de conveniência

Perante o anúncio do PSD e do CDS que vão de novo coligados nas próximas eleições legislativas, António Costa não tem dúvida que se trata de "um casamento para disfarçar as conveniências", demonstrando, se necessário fosse, que este Governo "nada de novo tem para dar" ao país e aos portugueses.

Trata-se de um Governo falhado e fracassado, como referiu o líder do PS, que não propõe novas políticas e que apenas se limita a prometer prosseguir com "mais do mesmo". ■



JORGE FERREIRA

ESTADO DEVE SER MOTOR DA INOVAÇÃO

O Estado pode e deve ter um efeito "catalisador e motor" no desenvolvimento da inovação, defendeu António Costa no encerramento do colóquio sobre "Mais inovação e melhor economia".

J. C. CASTELO BRANCO

ORGANIZADO pelo PS e tendo por palco as instalações do ISEG Instituto Superior de Economia e Gestão, esta conferência, para além de António Costa e de destacadas figuras do PS, contou ainda com a presença da economista italiana e professora universitária Mariana Mazzucato (ver caixa). Perfilhando da tese da economista italiana, quando afirma que o investimento público deve ser o motor do desenvolvimento económico, ou quando considera que o diagnóstico que a direita faz sobre as políticas públicas "está a trazer o remédio errado", também o Secretário-geral do PS salienta que um Estado empreende-

dor, ao contrário do que defende o Governo português, não cria qualquer obstáculo ou impedimento ao papel indispensável e decisivo que o sector privado deve ter na economia. Saudou o trabalho científico desenvolvido pela professora e investigadora Mariana Mazzucato, que, na opinião de António Costa, tem contribuído para ajudar a esquerda democrática a "recuperar e reinventar o seu vocabulário". A este propósito, recordou igualmente as palavras da atual ministra francesa da Justiça quando recentemente disse que a maior derrota da esquerda europeia foi ter "perdido o seu próprio vocabulário"

abdicando em favor da terminologia da direita. Para o líder socialista, é essencial "recuperar o Estado como empreendedor", sustentando que a questão da inovação estimulada e promovida pelo financiamento público assume um carácter "absolutamente crucial". Criticou, por isso, o que designou como o recurso "excessivo" pelo Estado à terceirização, desprotegendo-o em termos de recursos humanos qualificados, realçando que um dos maiores desafios que se coloca a Portugal passa pela requalificação dos quadros da Administração Pública. ■

MAZZUCATO DEFENDE INVESTIMENTO PÚBLICO ESTRATÉGICO



Defensora do investimento público como motor do desenvolvimento económico, Maria Mazzucato, professora de Economia da Inovação na Universidade de Sussex, no Reino Unido, que participou no colóquio a vida pelo PS sobre políticas públicas, considera que "o diagnóstico errado do problema na Europa está a trazer-nos o remédio errado".

Por isso, defende, a União Europeia tem de mudar de direção, apostando num plano de investimento acompanhado de planos conduzidos pelo Estado.

Em entrevista ao "DN", esta economista italiana, autora do livro "O Estado empreendedor", sublinha ainda que o país mais liberal de todos,

os EUA, é dos mais ativistas no que concerne ao financiamento público a empresas que apostam na inovação, apontando a Apple, o Google ou a Internet, como exemplos de tecnologia desenvolvida por investigação financiada pelo Estado.

A economista refere que os problemas de Portugal não começaram com o euro ou com a troika, sublinhando que "são o resultado de décadas de falta de investimento não só em áreas de I&D como também na construção de instituições públicas que permitam que a I&D se expanda verdadeiramente através da economia". Acrescentando que "se querem 'competitividade' então devem olhar em volta do mundo e perceber de onde vem a competitividade, ou seja, de investimentos públicos estratégicos que posam atrair investimentos privados". ■



JORGE FERREIRA

JANTAR DE GRÂNDOLA ROMPER COM A AUSTERIDADE SEM ROMPER COM O EURO

As propostas do PS para reduzir a austeridade têm sustentabilidade financeira e não implicam uma saída do euro, garantiu António Costa, em Grândola, no jantar comemorativo da revolução de abril.

RUI SOLANO DE ALMEIDA

É POSSÍVEL, necessário e urgente “fazer mais do que o atual Governo”, garantiu o Secretário-geral do PS, assegurando, perante uma sala cheia de apoiantes, que há alternativa à política do Governo PSD/CDS-PP.

Para António Costa, ao contrário do que o Governo tem vindo a defender, de que é preciso prosseguir com as políticas de austeridade para que o país se mantenha na moeda única, ou, segundo a tese da esquerda radical, que só rompendo com o euro Portugal poderá abandonar a austeridade, a “nossa alternativa passa por nos mantermos no euro rompendo com a austeridade”.

Lembrou que o PS foi sério e consistente ao ter resistido a fazer promessas antes de ter tornado público o cenário macroeconómico e a proposta “Uma década para Portugal”, documento estratégico que António Costa classifica como determinante para se

compreender o pensamento e a estratégia do PS face aos problemas do país, criticando o Governo por ter falhado, em contrapartida, “toda as promessas e compromissos que assumiu com os portugueses depois das eleições de 2011”. A este propósito recordou as promessas da direita anunciadas em 2011 ao país, designadamente que o PIB este ano estaria sete pontos percentuais acima do valor atual, que a dívida estaria em 2015 nos 100%, e não nos atuais 130%, que o défice das contas públicas rondaria 0,5% e não nos 2,7% como indicam as previsões, até do próprio Governo para este ano, e que 300 mil novos postos de trabalho teriam sido encontrados, número que está muito longe de ter sido alcançado.

Na oportunidade, o líder socialista criticou ainda o Governo do PSD/CDS-PP por ter anunciado um novo corte nas pensões no valor de 600 milhões

de euros e apostar no prolongamento dos cortes nos salários dos funcionários públicos até 2019.

Trocar de políticas e de Governo

Para António Costa, medidas como estas não poderão ter outro significado ou outra interpretação que não seja a de que o Governo “não só não aprendeu nada com os erros”, como não “tem nada tem de novo a dizer aos portugueses”. E perante as medidas anunciadas pelos partidos da maioria, com mais “cortes nos salários dos trabalhadores do sector público, cortes nas pensões e aumento da carga fiscal”, ou seja, mais do mesmo em relação às políticas que têm vindo a ser insistentemente prosseguidas desde há quatro anos, o Secretário-geral do PS reafirmou que a única solução que se oferece ao país é “trocar de Governo e de políticas para que Portugal mude”. ■



Nesta edição do “Acção Socialista”, festejamos abril: os 42 anos do PS, os 41 da Revolução dos Cravos e os 40 das primeiras eleições livres e que foram ganhas pelo PS. Boas razões para termos rumado ao Porto, militantes e simpatizantes, e nos reunirmos na grandiosa Festa da Democracia. Lembrámos a história do PS que se entrelaça e confunde com a história do país. Rejubilámos com a presença de Mário Soares e Jorge Sampaio. Aplaudimos as palavras certas de António Costa, demonstrando que celebrar “o dia inicial inteiro e limpo” de que fala Sophia é também denunciar o aumento da pobreza e das desigualdades sociais. No PS, e recorrendo ao imortal verso de Alegre, “há sempre alguém que diz não” ao empobrecimento dos portugueses, ao aumento do desemprego, à emigração forçada dos nossos jovens, à desvalorização da escola pública, à degradação do Serviço Nacional de Saúde, ao desmantelamento dos serviços públicos, à destruição do Estado Social. Sophia e Alegre, dois dos 116 deputados constituintes eleitos pelo PS e justamente homenageados pelo Secretário-geral, António Costa, no dia da liberdade.

Festejar as conquistas de Abril e defender os valores da liberdade, da democracia e da justiça social é também denunciar os retrocessos verificados nos últimos quatro anos e apresentar uma alternativa política. As opções políticas da maioria PSD/CDS destruíram riqueza e emprego, agravaram as desigualdades, atiraram milhares de jovens para a emigração e aumentaram o risco de pobreza para crianças e idosos.

O documento “Uma Década para Portugal – um cenário económico alternativo”, preparado por doze reputados economistas a convite do PS, aponta um caminho alternativo e confirma que é possível fazer diferente. Não é o programa de governo do PS – preparado pelo Gabinete de Estudos e apresentado no dia 6 de Junho – mas representa a base técnica do compromisso político que o PS quer firmar com os portugueses. O estudo surpreendeu pelo método e pelo conteúdo e deixou os nossos adversários à beira de um ataque de nervos. Num primeiro momento, a maioria de direita veio criticar o documento antes de o ler. Quando se apercebeu da seriedade do trabalho e da solidez das propostas, apressou-se a copiar o modelo e a arranjar também o seu grupo de economistas disponíveis para avalizarem tecnicamente a receita austeritária. De facto, que novo coelho pode a maioria tirar da cartola se apresentou, há dias, na Assembleia da República, o Programa de Estabilidade a enviar a Bruxelas onde propõe mais do mesmo para os próximos anos?

O “cenário económico alternativo” deita por terra a narrativa da direita de que o PS não tem propostas e de que não há alternativa à austeridade. A partir de agora fica claro que há alternativa à austeridade e ao empobrecimento. Uma alternativa de desenvolvimento sustentado e de criação de emprego. Uma alternativa que garante equidade social. Uma alternativa que rompe com a austeridade sem romper com o euro. ■



JORGE FERREIRA

A GRANDE FESTA DO POVO SOCIALISTA

Chegaram de todo o lado, de autocarro e no comboio da Democracia. Generosos, com bandeiras guardadas em casa, t-shirts com frases de paixão ao partido, bonés, chapéus e, sobretudo, com um grande coração, o principal para fazer a festa.

PAULA ESTEVES

O PALÁCIO DE CRISTAL e o Pavilhão Rosa Mota, no Porto, encheram-se de som, coreografias, folclore, fado, cante alentejano. Cerca de cinco mil pessoas fizeram, no dia de aniversário do PS, a Festa da Democracia, a festa do povo socialista.

Escutaram o Secretário-geral dizer que este Governo "levou a intranquilidade a todas as gerações" e na realidade ali estiveram todas as gerações, das mais jovens, às marcadas pelas rugas de uma vida de trabalho e luta que se funde com os 42 anos do PS.

Catorze stands com produtos regionais fizeram calcorrear Portugal de lés-a-lés. Os lenços de namorados do Minho, as compotas de Bragança, as conservas da Póvoa de Varzim, o vinho do Oeste, os doces de

Santarém, a filigrana de Gondomar até Portalegre que veio à festa "Dar Norte ao Alentejo". Na Festa da Democracia foi todo um país que se abriu ao desejo de mudança. E que, projetando o futuro, trouxe as suas raízes, da bandeira que assistiu a tantos comícios e congressos, às sete saias da Nazaré, ao orgulho das minhotas trajadas a preceito, quando a festa se abriu em cor na chegada de tantos socialistas com o país no coração.

Logo pela manhã, no stand da Federação do Oeste, a festa jorava nos muitos brindes: "Vamos lá fazer uma saúde! Temos branco, tinto e aguardente" - clamava a comitiva, orgulhosa dos seus néctares.

E viva, sobretudo, a Festa da Democracia, irreverente e com um mar de gente que desa-

UM COMBOIO CHAMADO LIBERDADE

Mais de mil militantes e simpatizantes foram de comboio de Lisboa até ao Porto para participarem na Festa da Democracia. Comboio, um meio de transporte que tem ficado na nossa História associado à luta pela liberdade, desde a chegada de Humberto Delgado no foguete vindo do Porto para Lisboa, no âmbito da campanha presidencial em 1958, até à chegada de Mário Soares vindo do exílio em Paris a 28 de abril de 1974. Ambos foram aclamados em Santa Apolónia por uma multidão que tinha como traço comum o desejo de ver um Portugal livre, democrático e justo. **J. C. C. B.**



JORGE FERREIRA

guou no Porto, fez piqueniques nos jardins do Palácio, onde a avó competia com o neto para guardar para si mais balões, mais recordações da Festa.

Muitos levaram farnel, muitos outros dançaram, um grupo distinguia-se com os seus vibrantes chapéus cor de rosa e outros punham as crianças a abraçar os gigantones.

A Festa do 42.º aniversário do Partido Socialista foi gigante. Teve uma babel de sotaques, reencontros de afetos antigos, slogans recuperados à memória do partido.

E quanto mais a luta aquece mais força tem o PS! Uma força tranquila e vibrante, alegre, na expressão aberta de Teresa: "Estou a adorar a festa, já encontrei tanta gente amiga!"

Bateu acelerado e feliz o coração socialista. ■

FESTA DA DEMOCRACIA

RIGOR SERÁ A MARCA DA GOVERNAÇÃO SOCIALISTA

A principal missão do Governo do PS será acabar com a incerteza, devolvendo aos portugueses a “tranquilidade, segurança e sentido de futuro”, garantiu António Costa no comício/festa realizado no Porto, na comemoração do 42º aniversário da fundação do PS, dos 41 anos do 25 de Abril e dos 40 anos das primeiras eleições democráticas.

AO LADO dos ex-Presidentes da República, Mário Soares e Jorge Sampaio, do presidente do PS, Carlos César, do líder parlamentar, Ferro Rodrigues e do presidente honorário Almeida Santos, António Costa afirmou que o rigor será “a marca da governação do PS” sabendo criar um novo clima de diálogo através da “mobilização da concertação social e da existência de compromissos políticos positivos”.

“Nenhum português será chamado a votar sem conhecer não só as propostas do PS, como o seu impacto financeiro e económico”.

Insurgiu-se contra aqueles que, “tal como em 1975”, negavam a existência de uma alternativa política para o país, afirmando pretender fazer das próximas eleições “uma grande festa da democracia”, deixando um veemente apelo à participação dos eleitores nas legislativas.

Para António Costa, “ninguém nos verá numa postura idêntica à do atual primeiro-ministro”, que tem feito tudo e o contrário do que prometeu aos portugueses em 2011.

O líder socialista disse ser “um mito” a ideia de que o primeiro-ministro gere bem as finanças públicas, acusando-o de ter aumentado a dívida e por isso, de não ter “autoridade política para fazer desafios ao PS”.

O primeiro-ministro, disse o Secretário-geral do PS, “gosta de alimentar o mito de que gere bem, mas gere mal, porque ao longo dos últimos quatro anos não conseguiu controlar ou reduzir a dívida. Pelo contrário, aumentou-a”.

“A grande diferença entre mim e Pedro Passos Coelho” disse ainda António Costa, é que a “dívida que herdei na Câmara Municipal de Lisboa reduzi-a em 40%, enquanto a dívida que ele teve de gerir au-

mentou-a em 18%”.

Justificando a necessidade de mudar de políticas e de Governo, o líder do PS acusou ainda Passos Coelho de estar a criar mais problemas ao país do que a resolver seja o que for, colocando em curso uma política contrária aos interesses de todas as gerações.

A festa da democracia no Porto representou para o secretário-geral do PS mais um “grande sinal” da vitalidade e de força dos socialistas e a demonstração de como estão a encarar os desafios eleitorais que se avizinham”.

O PS foi e é decisivo em Portugal “para manter a liberdade e a democracia, para aprofundar a integração europeia, para o Serviço Nacional de Saúde, para o complemento solidário para idosos, para o desenvolvimento do pré-escolar ou para a ciência”, disse ainda o líder socialista. ■



SOARES AFIRMA

PS É ESPERANÇA NUM PORTUGAL MAIS IGUAL

O Partido Socialista representa “a esperança num país mais igual”, afirmou Mário Soares, ao discursar na Festa da Democracia, uma gigantesca celebração que assinalou os 42 anos da fundação do partido e na qual participaram milhares de militantes e simpatizantes.

MARY RODRIGUES

MÁRIO SOARES subiu à tribuna do Pavilhão Rosa Mota, no Porto, ao som do 'slogan' das suas campanhas presidenciais, em 1986 e 1991, “Soares é fixe”.

Na ocasião, o antigo Presidente da República e fundador do PS retorquiu: “Soares é fixe e tem 90 anos. Temos à nossa frente o secretário-geral [António Costa], que merece ser saudado”.

Depois, num breve discurso, Mário Soares fez um balanço sobre os 41 anos de democracia, agradecendo aos militares de abril o papel que tiveram no derrube da mais longa ditadura da Europa e na restauração da liberdade e democracia construção de Abril. “Temos sempre de falar dos militares”, declarou, aludindo depois à “importância que o PS começou a assumir na vida portuguesa”.

E apontou os exemplos da entrada de Portugal na CEE (Comunidade Económica Europeia) e a criação do Serviço Nacional de Saúde.

Sobre o SNS, criticou “a infâmia” que constitui a sua presente destruição, responsabilizando por isso o atual Governo de direita.

“O SNS hoje não existe!”, condenou.

Numa rápida referência ao período da fundação do PS, Mário Soares não esqueceu o apoio que foi dado pelos sociais-democratas alemães (SPD), então liderados por Willy Brandt, à Revolução de Abril de 1974 e aos primeiros anos da democracia, elogiando também Francisco Sá Carneiro, Álvaro Cunhal e Freitas do Amaral.

Mário Soares terminou com uma mensagem positiva: “O PS é a esperança num mundo melhor, mais humano e menos desigual”.

Confiança nas novas gerações

Antes, Jorge Sampaio, antigo secretário-geral do PS entre 1988 e 1992, frisou que o mais importante no presente momento “é confiar na coragem e na determinação das novas gerações”, porque a sua geração “já fez aquilo que tinha a fazer”.

Questionado sobre o percurso do partido fundado por Mário Soares ao longo dos últimos 42 anos, o também antigo chefe de Estado fez questão de frisar que “os partidos se renovam continuamente, até porque os desafios são outros e hoje as exigências nacionais e internacionais são enormes”. ■



“O PS é a esperança num mundo melhor, mais humano e menos desigual”

MÁRIO SOARES



JORGE FERREIRA

UM COMPROMISSO AVALIADO E CREDÍVEL

Confiança, alternativa, inovação, dignidade e rigor são cinco substantivos que sintetizam a essência do cenário macroeconómico apresentado pelos economistas independentes e que dará forma ao programa de um futuro governo socialista. Um compromisso avaliado, testado e credível.

MARY RODRIGUES

ESTA A IDEIA sublinhada pelo secretário-geral, António Costa, numa conferência de Imprensa na qual esclareceu que o cenário macroeconómico "não é a bíblia", nem os economistas liderados por Mário Centeno "são os apóstolos", mas o relatório é uma "etapa" para a concretização do programa eleitoral, a ser conhecido a 6 de junho. "Estas medidas inspiram e vão motivar a elaboração do programa do Governo e não posso antecipar a avaliação que os órgãos do PS farão do conjunto deste relatório [cenário macroeconómico]", vinçou, acrescentando que o relatório apresentado por Mário Centeno "não cobre todas as áreas do Governo", já que não constam medidas em sectores como a Defesa Nacional ou a Segurança Interna. "Nem sequer tem medidas sobre todas as áreas económicas. Este relatório define um quadro macroeconómico, que nós respeitaremos, e é dentro desse

quadro que trabalharemos na elaboração do programa do Governo", declarou. Depois, considerou que o principal desafio que está colocado no debate democrático reside na credibilização dos compromissos políticos assumidos. Neste ponto, esclareceu que, ao convidar um grupo de economistas para elaborar um cenário macroeconómico para os próximos quatro anos, o PS quer também credibilizar as suas propostas, "reforçando assim a confiança dos cidadãos na escolha da alternativa apresentada".

Reafirmar o primado da política

O líder socialista defendeu depois que os portugueses estão cansados da ideia de serem governados por modelos macroeconómicos, sendo por isso fundamental acabar com essa visão do mundo e "reafirmar o primado da política". "Mas reafirmar o primado da

política não significa desprezar o valor do rigor e o valor da sustentabilidade das políticas a apresentar, assim como a seriedade dos compromissos assumidos", alertou, lembrando que "o programa de Governo que apresentaremos a 6 de junho tem ainda de passar pelo teste deste modelo operacional de simulação e de avaliação das políticas a propor". António Costa defendeu igualmente a ideia de que o estudo apresentado prova que "há alternativa às políticas que têm sido prosseguidas e que é possível virar a página da austeridade".

Combate à precariedade laboral

"Este relatório demonstra que, com outras políticas e virando a página da austeridade, é possível obter melhores resultados económicos e melhores resultados quer do ponto de vista orçamental, quer ao nível da trajetória da dívida. "O final deste exercício [2019]

"Há alternativas às políticas que têm sido prosseguidas e que é possível virar a página das políticas de austeridade"

"É brutal o grau de precarização das nossas relações de trabalho. Este relatório coloca no centro das prioridades o combate à precariedade"

ANTÓNIO COSTA

(Produto Interno Bruto) melhor do que aquele que está previsto", sustentou.

O secretário-geral do PS reafirmou não haver razões para continuar a prosseguir "políticas erradas que têm produzido resultados errados".

"Neste relatório não está previsto nenhum novo corte das pensões, assim como não está previsto que seja necessário esperar pelo final da próxima legislatura para eliminar a sobretaxa do IRS ou para a reposição integral dos vencimentos dos trabalhadores do sector público. É preciso acelerar essa reposição e regressar à normalidade", rematou.

António Costa sublinhou ainda que o documento defende um "novo contrato para a equidade laboral", considerando que "é brutal o grau de precariedade das nossas relações de trabalho". Por isso, adiantou, "o relatório coloca no centro das prioridades o combate à precariedade". ■

demonstra que o país pode crescer a uma média de 2,6%, alcançando um défice final de 0,9 e tendo um rácio da dívida no PIB

CENÁRIO MACROECONÓMICO

- 1** Esta iniciativa vem reforçar a **CONFIANÇA** dos cidadãos através da credibilização dos compromissos políticos assumidos, o principal desafio está colocado no debate democrático.
- 2** Este estudo revela que há uma **ALTERNATIVA** política, com valores de crescimento, desemprego e dívida melhores que os previstos com as atuais políticas de austeridade.
- 3** Relatório mostra que é fundamental a aposta na **INOVAÇÃO** para termos um novo modelo de desenvolvimento com um crescimento sustentável, assente no conhecimento e na modernização tecnológica.
- 4** Relatório coloca a **DIGNIDADE** como questão central, tanto pelo combate à brutal precarização das nossas relações de trabalho, como pelo combate à pobreza através da reposição de mínimos sociais.
- 5** O **RIGOR** é condição essencial para que o crescimento económico seja saudável, tal como o fim da austeridade é essencial para que haja crescimento, para recuperar o emprego e para garantir a sustentabilidade da Segurança Social.

António Costa



É POSSÍVEL FAZER DIFERENTE

Promover crescimento económico sustentável, criar emprego, aumentar a competitividade, promover equidade social e assegurar a sustentabilidade da dívida pública, num quadro de cumprimento dos compromissos de cidadania europeia.

PRINCIPAIS PROPOSTAS

- **Eliminação** gradual da sobretaxa de IRS em 2016 e 2017
- **Reposição** dos salários da Função Pública, com eliminação em 2016 e 2017 do corte salarial, 40% ao ano
- **Redução** temporária da taxa contributiva dos trabalhadores para a Segurança Social, que passarão a 9,5% em 2016, 8% em 2017 e 7% em 2018
- **Redução** do IVA para a restauração de 23% para 13% em 2016
- **Agravamento** do imposto municipal sobre imóveis nas habitações não utilizadas como residência
- **Aceleração** na execução dos fundos comunitários, com reforço dos níveis de investimento a realizar no período de 2016-2019
- **Crédito** fiscal ao investimento, com aumento para 10 milhões de euros do limite do investimento para efeitos de aplicação de crédito fiscal automático de 25%
- **Complemento** salarial anual aplicável a todos os trabalhadores que durante o ano declarem um rendimento inferior à linha de pobreza e que será atribuído também em função da composição do agregado familiar
- **Reposição** dos mínimos sociais, aplicado ao Rendimento Social de Inserção, Complemento Solidário para Idosos e Abono de Família
- **Imposto** sucessório para as heranças superiores a um milhão de euros
- **Redução** do âmbito dos contratos a prazo, limitando-o a situações de substituição de trabalhadores
- **Introdução** de um regime conciliatório de cessação aplicável apenas aos novos contratos. Neste regime, as indemnizações passam para 18 dias nos três primeiros anos e, após esse período, para 15 dias por cada ano adicional



JORGE FERREIRA

ENTREVISTA FERRO RODRIGUES

“POLÍTICA DE AUSTERIDADE TEM DE TERMINAR”

Assembleia da República, 9 de Abril. Primeiro, agradecimentos ao “Acção Socialista”, pelo convite, e duas declarações de interesses: não temos ligações ao PS; o mais velho de nós fez rádio com o entrevistado em 1968 e tornou-se amigo dele até hoje. A conversa foi da atualidade à crise de confiança nos partidos, e terminou com uma revisitação de crenças do passado e sonhos para o futuro de Eduardo Ferro Rodrigues, líder do grupo parlamentar e antigo secretário-geral do PS (2002-2004).

POR FERNANDA FREITAS E ADELINO GOMES

Fernanda Freitas (FF) - Como se está a sentir pessoalmente e como tem lidado com as críticas [à função de líder parlamentar do PS]?

Ferro Rodrigues (FR) – Tenho-me sentido muito bem. Acho perfeitamente normal que haja pessoas que considerem que eu poderia ser mais agressivo, outras que considerem que devia ser menos agressivo. Não é nada de novo para mim. Estive numa campanha eleitoral muito dura em 2002, em que a pressão em relação à cons-

trução de um certo tipo de imagem sempre se atravessou entre mim e o mundo real e a política. Uma parte não desprezível desses ataques têm que ver com questões políticas, algumas de direita contra esquerda (por exemplo, as análises extraordinárias que faz o prof. Marcelo Rebelo de Sousa). Outras, com problemas que nunca estão resolvidos, de minorias do PS que - embora gostem de estar no consenso geral - só procuram dar umas facadas de vez em quando...

FF - Marcelo disse que “não tem jeito nenhum para aquilo”.

FR – Pois.... Mas sabe que o conceito de jeito do prof. Marcelo, quando foi a eleições para a Presidência da Câmara de Lisboa [em 1989], não teve grande sucesso, não é? Mergulhou no Tejo muito poluído e com vários objectos estranhos à volta dele, andou a guiar um táxi... Se o “jeito” para a política é esse tipo de coisas, eu realmente não tenho jeito nenhum. Estou na política desde meados dos anos 60, e o que me interessa mais é defender convicções,

procurar que essas convicções sejam partilhadas por mais gente e que vão avante.

Adelino Gomes (AG) - As sondagens, painéis, etc., têm mostrado que António Costa está muito aquém daquilo que seria de esperar. Há até quem ligue isso à fraca prestação do líder parlamentar...

FR – A situação desde que António Costa foi eleito, com uma votação esmagadora e nunca vista em Portugal, nas eleições primá-

rias, mudou! Mudou em Portugal, mudou na Europa e mudou para o PS. Temos um antigo secretário-geral (SG) e primeiro-ministro (PM) em prisão preventiva. Essa questão será dirimida do ponto de vista da justiça, mas tem um impacto político que é inegável. Na Europa, felizmente, a evolução foi num sentido mais positivo - mudou a Comissão Europeia, mudou de certa maneira o funcionamento do Parlamento Europeu, mudaram algumas coisas importantes na ótica de alguns governos de coligação

na UE. [No PS] Também mudaram o líder parlamentar, é um facto, e o secretário-geral. Mas a associação de uma coisa à outra parece-me relativamente absurda, porque a visibilidade de um partido é dada sobretudo pela visibilidade da direcção política do seu secretário-geral, do candidato a primeiro-ministro. Eu, aliás, faço o possível por não me pôr em bicos de pés. E quando devo aparecer é nos momentos do debate com o primeiro-ministro, o qual tem regras um pouco extraordinárias, porque normalmente o líder parlamentar tem 9 m. e depois o PM + o PSD + o CDS têm cerca de 50 minutos...

AG – O challenger [nestas eleições] é o PS.

FR – É, e portanto tem que demonstrar que há alternativas e propor as linhas fundamentais dessas alternativas. É isso que vai começar a ser feito [FR alude ao documento preparado por 12 economistas e que o SG divulgou uma semana depois]. Desde que foi eleito, António Costa tem estado a fazer uma sucessão de contactos europeus muito importantes, e com resultados que mais tarde se verão, de garantir que o país possa ter uma margem de manobra diferente, para poder ao mesmo tempo inverter esta lógica radical ideológica e de direi-

até defendo que mesmo com maioria absoluta se devem estabelecer acordos), isso vai depender dos resultados eleitorais. O PS tem que ambicionar um resultado o maior que seja possível e que os eleitores queiram, sabendo-se que há, não só em Portugal, uma tremenda desconfiança das pessoas em relação aos partidos – aos tradicionais, essencialmente.

AG – Haverá culpa dos partidos...

FR – Há certamente! Mas uma das culpas fundamentais é da crise económico-social. As pessoas vão ficando dececionadas por perceberem que uma parte do poder

Europa transformou-se num organismo cada vez mais intergovernamental e cada vez menos comunitário, sem uma iniciativa política forte da Comissão a marcar o terreno, como acontecia no tempo de Jacques Delors. Mas, da mesma maneira que isso mudou no sentido negativo, pode ser mudado no sentido positivo! Se eu achasse que hoje estar na política é apenas uma questão de substituir o pessoal político do PSD e do CDS por pessoal político do PS e de outros partidos, para manter as mesmas políticas, a mesma lógica, o mesmo conceito de reforma, dedicava-me a outra actividade, porque já tenho sete netos...

para acreditar nos políticos e apostar no país. Foram-se embora nos últimos quatro anos, não sei bem quais os números de 2014, mas cerca de 400 mil pessoas! Só tem paralelo com os anos da guerra colonial e com os anos 60. E agora é muito mais grave, porque são pessoas bastante mais qualificadas. Admito perfeitamente que haja pessoas que considerem que os partidos tradicionais estão esgotados! Mas veem-se algumas dessas pessoas a formarem partidos que, pelo menos à primeira vista, não primam pela clareza das suas alternativas. Todos os dias aparece um partido novo ou um candidato pseudonovo...



JORGE FERREIRA

“Defendo que mesmo com maioria absoluta se devem estabelecer acordos”

“As pessoas vão ficando dececionadas por perceberem que uma parte do poder já não reside nas pessoas em quem votam nem nos partidos em quem apostam, mas em instâncias que são às vezes invisíveis”

“Se António Costa e o PS ganharem eleições aqui, Portugal deixa de ser um Estado complacente e completamente aliado das políticas mais reacionárias que na Europa são impostas todos os dias”

AG – ... são regras que já existiam antes...

FR – Esta lógica dos debates quinzenais é relativamente recente... Mas eu sinto-me confortável com as regras. Nunca saí destes debates com a ideia de que tenha sido derrotado. Muito mais importante do que ter ou não papéis para me auxiliarem a ler, e de ver melhor ou pior com os óculos que tenho, é aquilo que digo, as questões que ficam em aberto a seguir a estes debates sobre a forma de governar destes senhores e sobre a própria figura do primeiro-ministro.

FF – O que é que o PS vai oferecer aos portugueses [na campanha eleitoral]?

FR – O Partido Socialista vai dizer aos portugueses que esta política tem de terminar! A política de austeridade, com este modelo de pensar que as reformas são um sinónimo de cortes nas despesas sociais, de quebras nos salários e nas pensões, de privatização de serviços que eram públicos, de desregulação completa dos mercados financeiros, de privatizações a todo o custo de terminar.

AG – Qual é o vosso modelo?

FR – Alguém já perguntou qual é a política que vai seguir a actual maioria?

ta que tem sido seguida nos últimos anos, e propor aos portugueses um contrato político e social completamente diferente.

AG – Mais aí, parece estarmos no domínio da fé. Onde estão os aliados potenciais de António Costa e do PS?

FR – Estão não apenas em Governos em que há maiorias socialistas e sociais-democratas, mas também em Governos de coligação em que os sociais-democratas estão presentes. É evidente que eu não estou ultraotimista no sentido de pensar que António Costa ganha as eleições aqui e a Europa muda. Acho é que se António Costa e o PS ganharem eleições aqui, a posição do Estado Português perante a Europa muda! Deixa de ser um Estado complacente e completamente aliado das políticas mais reacionárias que na Europa são impostas todos os dias.

AG – Não contribuiria para um melhor esclarecimento dos votantes saber-se à partida qual a coligação pós-eleitoral?

FR – Os eleitores têm que saber se querem um governo conduzido pelo PS com maioria absoluta, ou sem maioria absoluta, ou se querem um governo da direita. Depois, os acordos eventualmente que se tenham que estabelecer (porque eu

já não reside nas pessoas em quem votam, nem nos partidos em quem apostam, mas em instâncias que estão fora, que são às vezes invisíveis, e que têm uma grande força ao nível internacional.

AG – E porque os partidos demonstram não ter capacidade para se opor.

FR – O que se passou agora com a Grécia, desse ponto de vista, é interessante, independentemente dos erros e de alguma perspectiva pouco realista (enfim, é o mínimo que se pode dizer) de posições do Syriza. Quando apresentou a primeira proposta, teve uma posição da Comissão Europeia construtiva e muito positiva, [depois] totalmente torpedeada, boicotada, e subvertida pelos grupos que têm poder (embora não tenham sido eleitos), e que gravitam à volta do Eurogrupo com a pseudo-chancela de grupos técnicos, mas que são os mais políticos de todos na União!

AG - Não tivemos conhecimento cá fora de nenhuma posição [contra] que tenha sido colocada pelos políticos dentro do Eurogrupo ...

FR – A Comissão Europeia perdeu de certa maneira, infelizmente, com o Tratado de Lisboa, uma parte da importância relativa, e a

FF – O PS entra a tempo ainda de mudar...?

FR – Acho que sim. Felizmente, mesmo com a tróica e com esta dinâmica toda, ainda se preservou o núcleo duro fundamental do SNS, das políticas sociais de apoio aos mais excluídos, do sistema público de educação. Agora, se me perguntam se vamos reconstruir exactamente com os mesmos modelos, com a mesma capacidade de financiamento, é possível que não, que as regras sejam bastante mais limitadas. Mas não quer dizer que o sentido da história política e económica do país não mude completamente com as eleições.

FF – Voltando à tal decepção: uma série de movimentos cívicos, que começam a movimentar-se, estão no tempo certo, já vêm tarde, estão com as pessoas certas (pessoas que já fizeram parte de outros partidos). Qual é a sua leitura?

FR – Nunca houve tantos movimentos como a seguir ao 25 de Abril. Ainda estamos muito longe de uma situação desse tipo. As grandes manifestações de jovens no tempo do governo socialista e nos primeiros tempos do governo de Passos Coelho deixaram de existir, em boa parte, porque esses jovens emigraram. Deixaram de ter a confiança mínima

AG – Também dos lados do PS. Quase todos os dias temos putativos candidatos...

FR – Estar neste momento dedicado à tarefa de dizer qual é o socialista ou o independente preferido, quando isso vem de militantes responsáveis dentro do PS, é não compreender o que é o essencial e o que é o acessório. Bater-me-ei sempre contra a colocação das presidenciais na ordem do dia! Os portugueses estão-se nas tintas [para saberem] quem é o candidato que a direcção do PS apoia ou que a convenção do PS vá apoiar. Seria uma coisa completamente ridícula que num momento em que tem que aprovar um programa de Governo para responder aos portugueses, o PS estivesse entretido a discutir as características do Sr. A ou do Sr. B., sejam eles do PS ou não. Não contam comigo para esse exercício!

AG - Valeram a pena estes 50 anos de activismo político [em que aos 20 anos estava a lutar contra o fascismo, andou pelo MES, votou em Otelo, depois entrou no PS, e hoje olha para esta Europa onde o PASOK é irrelevante, o PSOE está na eminência de sair também da área do poder, e o PSD e o CDS já têm esperanças de voltar a ganhar eleições]?

FR – Acho que sim! Como sou sócio do Sporting desde o dia em que nasci, também sou antifascista mais ou menos desde esse momento! Assisti a coisas demasiadamente para que não fosse antifascista: cargas da GNR, na rua onde morava, a Gonçalves Crespo, no comício do general Delgado - tinha oito anos e lembro-me perfeitamente; a greve de 62 - apesar de ter 12 anos, ia para a cidade universitária; a crise de 68 e as grandes manifestações de rutura nas universidades (americanas, italianas, francesas e só depois nas portuguesas), em que pensávamos que tínhamos uma solução mágica para resolver todos os problemas. Problemas que eram, não apenas,

FR – O panorama não é brilhante. Nem dos partidos socialistas em geral, nem das governações ditas progressistas à escala europeia. Porquê? A doutrina de que na globalização é preciso competir, é preciso estar em condições de mercado para nos batermos contra todos, leva a um nivelamento por baixo, a nível dos salários e direitos sociais, cada vez mais em baixo. E isso foi uma consequência que não era previsível, da entrada no euro. Aquando da entrada no euro, e quando as taxas de juro começaram a baixar para todos os países do euro, eu ainda me lembro de ver altos responsáveis do BdP dizerem: mas qual é o problema de Portugal ter um dé-

muitas vezes! Mas o momento mais importante para mim é mesmo a criação como algo de dificilmente revogável do Rendimento Mínimo Garantido. Porque mesmo esta fúria contra os programas do Estado, contra a exclusão, que existe por parte deste Governo, e que o faz tentar substituir a solidariedade pública pela caridade privada ou de instituições, não conseguiu até agora (e agora já faltam poucos meses) acabar com as bases disso que foi criado, e que eu guardo com muito orgulho, sem dúvida!

AG – **Que outra medida desejava, como cidadão e como político, que fosse tomada assim, com esse peso simbólico e**

FR – Quer dizer: saíram 400 mil, e vêm 400 !?...

FF – **Exatamente! Foi uma das pequeninas farpas de António Costa. Como é que imagina combater este grave problema demográfico?**

FR - Com esperança, com confiança, e com a capacidade que o País tenha de ter investimento, e ter crescimento económico, e ter emprego. Isso no quadro da actual política não vai ser garantido. Por consequência, o que não faz sentido é um governo que ao mesmo tempo corta essas possibilidades, estar a chamar algumas centenas de pessoas para regressarem. No

mar Portugal num País muito mais central, na globalização (se é que a globalização não estoira com uma guerra qualquer...). Temos hoje portos, aeroportos, auto-estradas como não tínhamos. Embora não estejam a ser aproveitadas agora, podem ser daqui a 20 anos - um património extraordinário para que Portugal passe a estar no centro do mundo globalizado, no qual o Atlântico vai ter outra importância, com os acordos que se preveem entre a Europa e os EUA, a abertura ou o alargamento do Canal do Panamá, e a circulação marítima que vai haver. Se pensarmos bem o presente, deixamos sempre coisas para o futuro que valem a pena. Sem essa ladainha dos filhos e dos netos... Eu falei dos netos por vontade de estar com eles!

FF – **Acha que eles vão ficar em Portugal?**

FR – Espero que sim. Mas o maior problema não é esse. É poderem optar entre estarem em Portugal ou trabalharem noutro país qualquer! O que não é admissível é terem que emigrar porque não conseguem aqui encontrar ou criar emprego! As pessoas têm que perceber, e os jovens, nomeadamente, que não podem ficar à espera que os empregos lhes apareçam, têm que criar empregos para outros.

AG – **Inspirado na quadra: para esse Portugal do futuro, é preciso outro 25 de Abril?**

FR – Não estamos numa situação tão limite como estávamos. Primeiro, a guerra colonial, que foi o elemento determinante; em segundo lugar, a falta de democracia, de liberdade. Em sentido abstracto, o que é preciso é que as pessoas voltem a ter confiança, esperança. Para isso não é preciso movimentos militares. É preciso que haja capacidade de construir!

AG – **Serão os partidos capazes de o conseguir?**

FR – Como disse há bocado, preocupa-me bastante que a política se transforme numa profissão, em que os políticos apareçam apenas para gerir uma realidade cujas políticas são relativamente imutáveis, em que o quadro de base seja o quadro da reforma, sejam os princípios que foram definidos pelo consenso de Washington - privatizar, liberalizar, flexibilizar. Para isso não contam comigo! Por isso falei dos netos, da família: há coisas muito interessantes para fazer. A leitura, por exemplo: eu lia muito, mas dediquei muitos anos a reuniões por causa da política. A minha ambição é contribuir para que o país avance, haja alternativas, mas não ponho de parte, neste momento de reflexão final, que me dedique a aspectos mais familiares e pessoais! Depende. Tentarei contribuir para que as coisas corram bem, mas não dependem só de nós! ■

AGRADECIMENTO

Agradecemos à Fernanda Freitas e Adelino Gomes terem aceiteado o convite para fazerem esta entrevista



JORGE FERREIRA

“A situação de miséria de muitas crianças é uma vergonha”

“O momento mais importante da minha vida política é mesmo a criação, como algo de dificilmente revogável, do Rendimento Mínimo Garantido”

o combate ao regime fascista, mas também ao sistema capitalista, que era aquilo que era posto em causa com a possibilidade de haver uma alternativa que passasse por regimes democráticos mais de base, e por regimes económicos com mais concentração por parte do Estado. Verificou-se que uma parte substancial dessa esperança não era fundada, e como alguns se transformaram em ditadores e aniquilaram milhares de pessoas. Eu não me posso esquecer que nesse período achava simpático o que se estava a passar no Camboja, porque não sabia quais eram as consequências do que se estava a passar naquele momento. Quem tem 18 anos em 68, e tem 24 no 25 de Abril, tem a expectativa normal de que aquilo tudo que leu nos livros se constroi aqui em Portugal com grande facilidade. As coisas não são tão simples. O que quero dizer é que procuro ser realista, procuro aprender com os erros. Agora, os princípios mantêm-se os mesmos - querer mais democracia, mais liberdade, mais iniciativa, mais capacidade de autonomia nacional, tudo isso se mantém. As formas agora são bastante mais difíceis.

AG – **Aquilo que pergunto a um homem que desde 1968 esteve nessa luta é: lá em casa, o balanço que faz não é, outra vez, de descrença?**

fique externo muito forte em termos de produto? Isso é a mesma coisa que algumas regiões italianas [ou] como nos EUA, também há regiões que são deficitárias e outras... A Europa não teve dirigentes à altura. O que se passa com a Grécia é apenas um exemplo disso. Não duvido que tenha havido exageros e abusos por parte da estatística oficial grega, mas continuar a insistir que a única forma de resolver o problema é castigar, é secar a liquidez dos gregos é, como aconteceu nas vésperas do pedido de auxílio português, um absurdo total! Estas políticas fracassaram do ponto de vista financeiro, económico e social.

AG – **Não há uma voz que diga isso em público, na área dos que estão no poder hoje. Vai ser António Costa?**

FR – Eu espero que sim! O António Costa já disse isso várias vezes, não é propriamente o discurso que as pessoas esperam de um líder político. Eu, apesar desta função não ser tão preservada como era antes, ainda me posso permitir fazer algumas análises mais teóricas. Mas o António Costa deve dirigir-se sobretudo a chamar e mobilizar o eleitorado.

FF – **Em que momento é que sente que realmente ajudou o país?**

FR – Acho que ajudei o meu país

prático?

FR – Há uma coisa, neste momento, que é uma vergonha, a situação de miséria de muitas crianças em Portugal! Aliás, por motivos que têm que ver com a tentativa de rebrantar com instrumentos como o Rendimento Mínimo Garantido. Na tentativa de poupar na despesa social, estes senhores criaram mecanismos de tal maneira ferozes que conduziram a que muitas crianças e jovens estejam abaixo do limiar de pobreza. Acho que isso é inaceitável, deve haver um programa de emergência para esses casos! Mas não será comigo, porque eu...

AG – **...nem no próximo governo?**

FR – O próximo governo tem que ter pessoas com a idade que eu tinha quando estava no governo. Lembro-me sempre quando o Almeida Santos foi candidato a PM, numas eleições que não correram muito bem, em 1985. Eu tinha 35 anos, pensei: “Fantástico, como este tipo já tão idoso está aqui a dar a volta ao país, com esta capacidade toda”... Ora o Almeida Santos nessa altura tinha menos cinco anos do que eu tenho agora.

FF – **Falou na saída de pessoal cada vez mais qualificado. Houve há pouquíssimo tempo uma proposta para esse pessoal voltar...**

contexto normal da taxa de natalidade portuguesa, cujo indicador de fertilidade é muito baixo, o normal seria que Portugal precisasse de mais gente imigrada. Até com alguma qualificação. O que aconteceu foi exatamente o contrário. Ora, isso não se resolve com decretos, resolve-se com prática política, que consiga recriar um ambiente de confiança e de investimento em Portugal. É tudo muito difícil? Mas temos que nos bater até ao fim mesmo pelas coisas mais difíceis!

FF – **Que Portugal quer deixar aos seus netos?**

FR - Há duas coisas que me deixam um bocadinho irritado na conversa política normal: aqueles que falam no país que querem deixar aos filhos ou aos netos, e aqueles que falam muito no cumprimento fiscal. Normalmente, os primeiros são extremamente individualistas, estão-se um bocadinho nas tintas para o mundo que vão deixar; e os segundos, muitas vezes, fogem ao fisco.... Quanto melhor se fizer agora, melhor será para quem vem a seguir, mas as gerações que vêm a seguir têm obrigação de construir! Esta história dos investimentos públicos que para alguns foram investimentos ruinsos: esses investimentos, ditos ruinsos, vão servir às gerações futuras, para os filhos, os netos, bisnetos poderem transfor-

FERNANDO MEDINA É TEMPO DE UMA NOVA AMBIÇÃO

Lisboa será uma cidade mais reabilitada, como mais praças, jardins e espaços públicos, mais ecológica e com melhores serviços públicos, garantiu o novo presidente do município, Fernando Medina, no seu discurso de tomada de posse perante uma assistência que encheu o Salão Nobre dos Paços do Concelho.

RUI SOLANO DE ALMEIDA

FORAM muitas as personalidades, como os antigos Presidentes da República Mário Soares e Jorge Sampaio, deputados da Assembleia da República, presidente da Assembleia Municipal, deputados municipais, presidentes das juntas de freguesia, reitores das universidades e destacadas figuras da vida cultural e económica, que quiseram estar presentes na tomada de posse do novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina.

Depois de elogiar o legado deixado por António Costa à frente do município (ver caixa), o autarca focou a sua atenção no futuro, afirmando ser agora "tempo de uma nova ambição", centrada na "construção

de uma melhor cidade".

Para isso, como defendeu, Lisboa precisa de criar mais emprego, novos investimentos em infraestruturas e avançar na defesa dos direitos sociais. Prioridade será também a criação de um novo fôlego na reabilitação e na requalificação urbana, dando como exemplos a conclusão da nova frente ribeirinha e o início do programa "uma praça em cada bairro".

Programa de rendas acessíveis

O novo presidente assumiu igualmente o lançamento de um vasto programa de habitação de rendas acessíveis, permitindo, numa primeira fase, que cinco mil famílias da clas-



JORGE FERREIRA

"Assumiremos como prioridade até ao final do mandato lançar um vasto programa de habitação e renda acessível, que permita, numa primeira fase, que cinco mil famílias da classe média possam voltar a mora na cidade"

"Em Lisboa não descansaremos até que todos tenham acesso ao mínimo de uma sociedade decente"

FERNANDO MEDINA

se média possam voltar a morar na cidade, beneficiando de rendas abaixo do salário mínimo nacional.

Garantiu que trabalhará por uma cidade mais reabilitada, com mais praças, jardins e espaços públicos de qualidade, com uma mobilidade integrada e eficiente, uma cidade com mais animação, mais liberdade de expressão artística e cultural.

Iniciativas que, como deixou claro, vão avançar sem que o município abdique do princípio do "Bom Governo", mantendo as contas em ordem, pagando a tempo e horas, tudo sem "deixar de reduzir a dívida", gerindo com "rigor e prudência os recursos que são de todos". ■

MEDINA ELOGIA LEGADO DE COSTA FAZER MAIS E MELHOR POR LISBOA

O novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa (CML), Fernando Medina, iniciou a sua intervenção por enaltecer o trabalho do seu antecessor, António Costa.

RUI SOLANO DE ALMEIDA

COMEÇANDO por fazer um balanço que classificou de "muito positivo" de António Costa na presidência do município, a quem agradeceu os oito anos de mandato que "foram determinantes" para "devolver a autoestima e a confiança no futuro", Fernando Medina salientou que Lisboa com António Costa foi capaz de superar o que qualificou de uma "profunda crise institucional e financeira" con-

seguindo estabelecer uma "relação única com a cidade e as suas gentes".

Para Fernando Medina, António Costa teve a arte de lançar e concretizar uma "nova visão sobre a cidade".

Congregou vontades e mobilizou energias, juntou o sentido de serviço público com a determinação, conseguindo transformar o que era antes uma câmara "majestática e opaca"

numa casa "mais transparente e próxima dos cidadãos".

Com António Costa, lembrou Fernando Medina, Lisboa conseguiu diminuir a despesa e a dívida herdada em cerca de 40%, e aumentar a receita, recordando aos mais desatentos que os primeiros anos que enfrentou à frente do município "não foram nada fáceis".

Recordou a propósito o estado "catastrófico" em que encon-

trou a gestão municipal, onde predominava a incúria, a incompetência e a irresponsabilidade, deixando agora o município com uma "gestão rigorosa" e um quadro financeiro sustentado no rigor dos números tendo ainda conseguido reduzir os prazos médios de pagamento a fornecedores que passaram de 335 dias em 2007 para 72 dias em 2014.

Hoje, salientou ainda, a CML

é um "referencial de estabilidade, credibilidade e de boas contas".

Com a casa arrumada, como fez questão de sublinhar, o município dispõe das necessárias condições para assumir um "novo ânimo" e uma "renovada energia" para avançar com os compromissos que António Costa estabeleceu com os lisboetas em 2013, quando foi eleito presidente da CML. ■

ESTE MÊS FOI NOTÍCIA



PIKETTY DEFENDE IGUALDADE NO CENTRO DO DESENVOLVIMENTO

António Costa e Thomas Piketty recusam a austeridade como modelo para promover a competitividade e reduzir a dívida, uma posição defendida por ambos no final de um encontro na sede nacional do PS.

O secretário-geral sustentou que "a questão da igualdade é hoje central para o desenvolvimento económico", fazendo um elogio ao trabalho académico de Thomas Piketty.

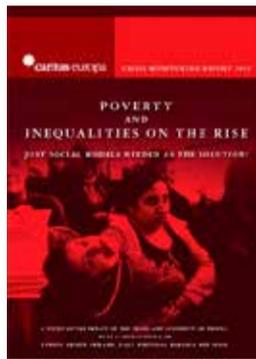
Por sua vez, o economista francês teceu duras críticas ao rumo económico-financeiro da União Europeia, falando no "egoísmo" da Alemanha e da França em relação aos Estados-membros atualmente com maiores dificuldades financeiras, casos de Portugal, Espanha e Grécia. ■



PAULO PISCO CONDECORADO PELO GOVERNO DO LUXEMBURGO

O deputado Paulo Pisco foi condecorado pelo Governo do Luxemburgo com o grau de Cavaleiro da Ordem do Mérito, na embaixada luxemburguesa em Lisboa, pelo contributo no reforço das relações entre os dois países. ■

PORTUGAL É O PAÍS DA UE ONDE A POBREZA MAIS SUBIU



Em 2014 Portugal foi entre os 28 países membros da União Europeia o que mais aumentou o risco de pobreza e de exclusão social, mais do que a Grécia, segundo o recente relatório da Caritas Europa.

O documento refere que no país mais de 640 mil crianças e jovens estão em situação de pobreza e de exclusão social. Um cenário que acontece depois de toda a austeridade e de todos os sacrifícios pedidos, num país que tem a segunda maior dívida pública (128% do PIB) só superada pela Grécia. Ainda segundo aquela organização da Igreja

Católica, o risco de pobreza ou de exclusão social aumentou em Portugal 2,1 pontos percentuais, para 27,5%, em manifesto contraditório com o que se verificou na União Europeia que registou uma descida de cerca de 0,2% para 24,5%.

Cortes nas prestações sociais e desemprego, diz a Caritas Europa, foram fatores determinantes que afetaram as oportunidades de vida de muitas crianças. ■

640 MIL

É o número de crianças e jovens que estão em risco de pobreza em Portugal, segundo a Caritas Europa, após quatro anos de políticas de austeridade expansionista levadas a cabo pelo Governo Passos/Portas

PS DEFENDE ESTABILIDADE LEGISLATIVA

Um Governo do PS, em nome da estabilidade, só mudará a legislação fiscal uma única vez numa legislatura de quatro anos, garantiu António Costa, no encerramento de uma conferência sobre "Governar melhor: legislar menos e legislar melhor", na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

O Secretário-geral do PS considera que, desta forma, será possível programar nessa alteração única os "efeitos deferidos" no tempo para a sua aplicação, para que os cidadãos compreendam o funcionamento do quadro legislativo e para que as empresas possam planear os seus custos.

Outra das medidas que o líder do PS defendeu, neste encontro, é que nos próximos orçamentos do Estado estes "só contenham a legislação estritamente necessária", lembrando que as leis do Orçamento se tornaram "algo incompreensíveis", com remissões sucessivas para códigos, "ensombrando o escrutínio político e a transparência do processo legislativo".

Para António Costa, de futuro, a regulamentação das leis deverá ser feita em simultâneo com a sua produção, afirmando ter conhecimento de que há atualmente "centenas de leis que nunca foram regulamentadas", não tendo por isso "pleno efeito". ■

TRANSPORTES PÚBLICOS AMEAÇADOS

Incapaz de promover reformas estruturais no sector dos transportes, como de resto tem sido evidente também ao nível económico e social, a direita no poder opta por onerar ainda mais os portugueses no acesso a um serviço público que cabe ao Governo salvaguardar. Em comunicado à Imprensa, o Grupo Parlamentar do PS acusa o Executivo Passos/Portas de pôr em causa o serviço público de

transportes com a aprovação, na Assembleia da República, do novo regime jurídico do serviço público de transporte de passageiros.

Segundo os deputados socialistas, este regime jurídico "é mais uma prova da falta de transparência e de justificação para a produção legislativa em série a que este Governo nos tem habituado, sobretudo a pouco mais de cinco meses do fim da legislatura". ■

ESTE GOVERNO FAZ MAL À SAÚDE

No Dia Mundial da Saúde, Luísa Salgueiro, coordenadora dos deputados socialistas na Comissão Parlamentar de Saúde, afirmou que "o reforço do privado em detrimento do público e o cada vez mais difícil acesso dos portugueses aos cuidados de saúde são o resultado dos cortes cegos e do desinvestimento nos serviços de saúde prosseguidos por este Governo".

"O PS reafirma a sua aposta no Serviço Nacional de Saúde público, universal e de qualidade", acrescentou.

Já Adalberto Campos Fernandes, membro do Gabinete de Estudos do PS, considera que a comemoração do Dia Mundial da Saúde representa "uma oportunidade para refletir sobre a importância das políticas de saúde na coesão social e no desenvolvimento humano". ■



PORTUGAL NO TOP DO DESEMPREGO JOVEM

Afinal, não é só o Instituto Nacional de Estatísticas (INE) a registar um aumento do desemprego em Portugal. Desta vez é a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) a colocar Portugal no Top 4 do desemprego jovem e a alertar para o facto de a taxa de desemprego portuguesa abaixo dos 25 anos permanecer "excepcionalmente elevada".

A OCDE divulgou dados recentes que colocam o nosso país no quarto lugar entre os membros da organização com maior percentagem de jovens desempregados entre os 15 e os 24 anos (35%), logo a seguir à Grécia (51,2%), Espanha (50,7%) e à Itália (42,6%). ■



PS QUER IMPEDIR AUMENTO BRUTAL DO PREÇO DA ÁGUA

O PS irá usar todos os meios "parlamentares e judiciais" disponíveis para impedir o "esbulho" às câmaras e o "rombo na algibeira" dos portugueses que constitui a reforma do sector das águas, aprovada em Conselho de Ministros. Esta posição foi avançada pelo presidente da Federação da Área Urbana de Lisboa (FAUL) e vice-presidente da bancada socialista, Marcos Perestrello.

Com este sistema, acusa o líder da FAUL, "o Governo prepara-se para forçar um aumento muito alto do preço da água". ■

COMISSÃO POLÍTICA ANALISOU CENÁRIO MACROECONÓMICO

A Comissão Política do PS, reunida no Largo do Rato, apreciou e debateu o cenário macroeconómico apresentado ao partido por um grupo de economistas.

FALANDO aos jornalistas, a dirigente nacional Ana Catarina Mendes começou por reafirmar que a discussão sobre o cenário macroeconómico mereceu por parte dos membros da Comissão Política um acolhimento e uma aceitação "muito positivos", não deixando de realçar os muitos contributos e apoios recolhidos. Referindo-se à proposta de redução gradual e temporária da taxa social única (TSU), Ana Catarina Mendes reafirmou que o tema está em discussão no PS, lembrando que a proposta aponta no sentido de aumentar o rendimento disponível das famílias, incentivando a procura e com isso estimular o crescimento da economia. A forma "muito positiva" como todos os membros da Comissão Política, que se pronunciaram na reunião, acolheram "este exercício de pedir a um grupo de economistas um cenário macroeconómico e o teste de medidas de política quanto aos seus impactos na economia e nas finanças públicas", foi também salientado pelo secretário nacional Porfírio Silva.



Melhorar a qualidade da democracia

Em declarações ao "Acção Socialista", o dirigente do PS considerou natural que algumas intervenções tenham assinalado "um ou outro ponto que querem estudar com mais cuidado, para analisar todas as implicações e, eventualmente, introduzir melhorias nas propostas apresentadas". Essa é "uma fase a que vamos passar", disse, recordando que "este relatório não é o programa de go-

verno do PS, embora seja uma ferramenta importante na sua construção". Porfírio Silva sublinhou que "na Comissão Política todos entenderam que se trata de um notável contributo do PS para credibilizar a boa política" e que "todos veem neste processo algo importante para continuarmos a melhorar a qualidade da democracia". E, acrescentou, "também para fazer da alternativa PS uma alternativa muito sólida e ganhadora". ■

PE É A CONFISSÃO DO FALHANÇO DESTE GOVERNO

PARA ENFRENTAR e superar a crise é necessária "uma exigente agenda europeia e uma nova agenda interna, a dois tempos: o da urgência da recuperação económica e social e o da inadiável intervenção estrutural", defendeu o secretário-geral do PS. Para António Costa, o Programa de Estabilidade (PE) apresentado pelo Governo "é a confissão do impasse em que este modelo de austeridade se esgotou". Ao intervir na conferência "Os caminhos do crescimento", organizada pelo "Jornal de Negó-

cios", António Costa sublinhou que "as ideias da austeridade expansionista e da desvalorização interna destruíram mais do que transformaram", quer pelo desinvestimento e a desconfiança gerada nas famílias e nas empresas, quer pelo atraso que tudo isto implicou na modernização do perfil de especialização da economia portuguesa. "A questão da confiança é a principal questão nacional", disse o líder do PS, sublinhando que para o reforço da confiança das famílias e das

empresas é essencial a recuperação de rendimentos e a recuperação de "músculo empresarial" que possibilite a recuperação do emprego. "Um programa assente numa opção de fundo: a competitividade conquista-se por via da qualificação e da modernização". Na conferência do "Jornal de Negócios", António Costa fez questão de deixar clara a indisponibilidade do partido para dialogar com o Governo sobre um novo corte de 600 milhões de euros nas pensões, recusando "fazer remendos". ■

2015
O ANO
DO PS

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS



“ 2015 tem de ser o ano de uma grande vitória do PS, mas que inicia um dos tempos mais exigentes da nossa história recente. Esse é o tempo de corrigir desmandos, reparar injustiças, respeitar direitos, reconstruir a democracia

Não se trata de dar à realidade uma magia que a favoreça ou à vontade de um fatalismo que a dispense. Trata-se de dizer que aqui, como na lotaria, os números bons são aqueles com que ganhamos. E os anos terminados em 5 têm sido de grandes acontecimentos e vitórias para o PS. 1975 foi, nas eleições para a Assembleia Constituinte, o ano da primeira vitória do PS. E da derrota daqueles que queriam forçar a Revolução a dizer um inaceitável "não" à democracia pluralista ("Os socialistas portugueses provaram ao mundo – e pela primeira vez na história - que os mencheviques também eram capazes de vencer os bolcheviques", afirmou André Malraux).

1985 foi o ano da assinatura, por Mário Soares, do Tratado de Adesão de Portugal à CEE. E em que, partindo de uma derrota nas legislativas, a sua candidatura a Presidente da República foi crescendo, até à eleição, no início de 1986, do primeiro Presidente civil, desde a I República.

1995 foi, com António Guterres, o ano da vitória do PS nas eleições legislativas, pondo fim a uma década de governos de Cavaco Silva e da sua hegemonia asfixiante. E da afirmação da candidatura presidencial de Jorge Sampaio, com a sua eleição, logo em Janeiro de 1996.

Em 2005, o PS, com José Sócrates, alcançou a primeira maioria absoluta em eleições para a Assembleia da República.

Neste ano de 2015, os portugueses olham o PS como o fim de quatro anos em que tudo se tornou o seu pior: a política, a economia, a sociedade, a vida. Este é o ano em que o PS tem de convencer os desconfiados e atrair os descontentes. É o ano em que dizer PS e dizer Costa tem de querer dizer palavras começadas por c: confiança, convicção, credibilidade, consistência, competência, clareza.

2015 tem de ser o ano de uma grande vitória do PS, mas que inicia um dos tempos mais exigentes da nossa história recente. Esse é o tempo de corrigir desmandos, reparar injustiças, respeitar direitos, reconstruir a democracia. E de encontrar um novo modo de fazer política, um novo modelo de desenvolvimento económico, um novo compromisso e uma nova concertação, um novo sentido para o país e um novo sentimento de país, uma nova atitude europeia e uma nova definição de Europa. Este é o tempo de um recomeço - mas de um recomeço que, logo a seguir, não desiluda, não desminta, não defraude, não desista.

2015 é também o ano em que se comemoram 50 anos da morte de Winston Churchill e 70 da sua vitória na II Guerra Mundial. Para a conseguir, Churchill aproximou a política do mais vivo da vida, numa sábia combinação de coragem e astúcia, de insubmissão e lucidez, de gravidade e humor, de decisão e rasgo. E fez dela uma parrésia, um falar verdadeiro, franco e claro. Às vezes, forte e feroz.

Churchill sabia que, sem isso, a política é a contrafacção de um sonho fátuo, o fantasma de um fulgor fugaz, ou o fim de um fervor falhado. E advertiu contra os tempos de desastre em que "a força dos piores se fortalece com a fraqueza dos melhores". ■

ANTÓNIO COSTA REAFIRMA ALTERNATIVA À AUSTERIDADE

No âmbito dos contactos que tem vindo a manter com líderes socialistas europeus, o secretário-geral do PS tem insistido na t... forçar a União Europeia a uma mudança que promova políticas de crescimento e coesão. Já no plano nacional, António Costa t... participado, que é possível um caminho alternativo de crescimento e rigor orçamental à política



SPD

Uma aliança sustentável e "necessária"

António Costa reuniu-se em Berlim com o líder do SPD e vice-chanceler do Governo alemão com a pasta da Economia, Sigmar Gabriel. À saída do encontro com o social-democrata alemão, António Costa realçou que os contactos que tem vindo a realizar com líderes europeus visam construir uma aliança sustentável e "necessária", tendo em vista a construção de um programa do partido que seja "exequível". O objetivo destes encontros no seio

da família socialista, adiantou António Costa, é criar também as condições para a formação de uma rede alargada capaz de suportar uma efetiva mudança de políticas alternativas a este caminho da austeridade que tem "paralisado o crescimento e feito crescer o desemprego". O Secretário-geral do PS referiu que os socialistas portugueses partilham um conjunto vasto de pontos de vista defendidos pelo SPD e que o objetivo destes encontros é criar as parcerias e as alianças necessárias para que "possamos ter um pro-

grama credível e exequível" que crie convergências, para que Portugal retome o caminho do "crescimento sólido" e sustentado aproximando-se dos níveis de desenvolvimento da Europa. Já o vice-chanceler alemão e presidente do SPD, Sigmar Gabriel, considerou ainda "dramático" que o desemprego assuma proporções tão elevadas em Portugal, levando a que jovens altamente qualificados tenham de emigrar, com o país a perder o investimento que fez na sua formação.



JORGE FERREIRA

Alternativa à austeridade

O secretário-geral do PS teve ainda um encontro com primeiro-ministro francês, Manuel Valls, na Embaixada de França em Portugal, onde reafirmou que uma alternativa à austeridade só é possível em diálogo e com a construção de uma rede de alianças. No final da reunião, António Costa salientou a sua preocupação "com a necessidade de a União Europeia reforçar a sua coesão, relançando-se um novo impulso para a

convergência". O líder do PS considerou que na atual conjuntura "é importante que haja um diálogo à escala europeia", adiantando que "não é possível construir soluções nacionais de forma unilateral, nem em conflito com a Europa e com as instituições europeias". Pelo contrário, frisou, "é preciso construir uma rede de alianças de solidariedades que permitam ao país avançar". E nesse sentido, acrescentou, "é decisivo reforçar no Conselho Eu-

ropeu a presença de governos que apostem na mudança e no crescimento, na convergência e no fim da austeridade". "Temos de ultrapassar a trajetória de divergência dos últimos anos, de aumento de endividamento, e temos de devolver a confiança aos portugueses no sentido de que é na Europa que o país pode crescer e aproximar-se dos melhores níveis dos Estados-membros mais desenvolvidos. Essa tem de ser a nossa ambição coletiva", defendeu.



JORGE FERREIRA

Quem escolhe os governos é o povo

Já no plano nacional, António Costa participou numa sessão política promovida pela FAUL, no Fórum Lisboa, onde defendeu que o Governo que sair das próximas eleições não pode ficar dependente da vontade do Presidente da República, nem de jogos partidários, já que, frisou, "no país de abril quem vota e quem escolhe os governos é o povo. Num discurso, frequentemente interrompido pelos aplausos da as-

sistência que encheia o Fórum Lisboa, o líder socialista disse que ao fim de quase quatro anos o atual Governo, que "não tem emenda", fracassou em todos os seus objetivos, sublinhando que "quem nos dá razão hoje" são instituições como a OCDE, FMI, Parlamento Europeu e INE quando apontam os efeitos negativos da política prosseguida pelo Governo. Nomeadamente em áreas como a saúde, onde há cortes cegos e se assiste a uma política de desinvestimento e canalização de recursos

para o sector privado; educação, onde se prossegue uma política de desinvestimento na escola pública; proteção social, onde se corta nas pensões e no complemento solidário para idosos e no rendimento de inserção social: Medidas que originam o aumento exponencial das desigualdades e exclusão social. "Quem nos dá razão é a realidade e esta desmente a fantasia que o Governo quer alimentar", disse, acrescentando que "oferecer uma alternativa a estas medidas exige a mudança de Governo".



JORGE FERREIRA

Modernização do país depende de jovens qualificados

Mais a norte, em Viseu, durante um encontro que juntou militantes e simpatizantes, António Costa defendeu hoje que a modernização e o desenvolvimento do país estão dependentes da fixação dos jovens qualificados, que acabam por emi-

grar por falta de emprego ou para fugir à precariedade. "O país não se moderniza perdendo os seus melhores, o país não se desenvolve perdendo os mais qualificados. O país só se desenvolve se conseguir fixar esse capital humano, esse saber, esse conhecimento, resultado do investimento do Estado, das autarquias e, sobretudo,

das famílias", sublinhou. O líder socialista aproveitou para evidenciar que "o Governo fracassou nos seus objetivos" nos últimos quatro anos, já que, frisou, "não temos hoje melhores finanças públicas, nem temos hoje melhor economia com mais crescimento e mais emprego, nem melhores condições de vida".

ecla que é preciso criar convergências no sentido de ser reafirmado, nas diversas iniciativas em que tem de empobrecimento.



Cresce risco de pobreza nas crianças

Entretanto, num encontro com militantes em Bragança, António Costa disse que o Governo PSD/CDS-PP paralisou as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) com a retirada de técnicos enviados para requalificação na Segurança Social. O líder socialista afirmou que o que o Governo fez ao enviar mais de 600 funcionários da Segurança Social para a lista da requalificação "foi retirar a estas comissões os técnicos que eram essenciais para o seu funcionamento", numa altura em que as

situações de crianças e jovens em risco têm vindo a aumentar no país.

"Se há serviço que o Estado não pode deixar de considerar prioritário é precisamente acudir às crianças e jovens em risco e aquilo que foi feito nos despedimentos da Segurança Social está a afetar diretamente estas crianças e estes jovens e isto é absolutamente inaceitável", declarou. António Costa lembrou que "o setor etário mais atingido pelo aumento da pobreza foram as crianças", com 31% dos menores de 18 anos numa situação de risco de pobreza em Portugal.



É preciso dizer basta a esta política

"Não haverá arranjinhos com outros protagonistas para prosseguir as "mesmas políticas", porque com o PS "haverá mudança política", afirmou em Almada, António Costa, num encontro com mais de duas centenas de militantes e simpatizantes socialistas da Federação de Setúbal, no salão de teatro da Incrível Almadense. "É preciso dizer basta a esta política e, para isso, é preciso mudar de Governo; essa é a nossa responsabilidade", disse. "O que temos de deixar claro aos portugueses é que não haverá arranjinhos para, com outros prota-

gonistas, prosseguir as mesmas políticas", sublinhou, adiantando que "o país olha para nós e percebe que somos nós que podemos construir uma alternativa". Na sua intervenção, António Costa lembrou um recente relatório do Parlamento Europeu sobre o impacto da crise nos Estados-membros da União Europeia, designadamente em Portugal, onde se chama a atenção para os efeitos nefastos das severas políticas de austeridade, que põem em causa direitos fundamentais como a educação, emprego, saúde e proteção social, bem como o aumento exponencial das desigualdades. ■

MARIANO GAGO O PROFESSOR QUE PÔS A CIÊNCIA NA AGENDA POLÍTICA

Ministro da Ciência e Tecnologia de quatro governos do PS, faleceu o professor José Mariano Gago, o homem que pôs a Ciência na agenda política. Contava 66 anos.

PORTUGAL perdeu um "ilustre e dedicado servidor público, com uma ação verdadeiramente marcante nas últimas décadas, um senhor da Ciência e um combatente pelo desenvolvimento", pode ler-se na sentida nota de condolências em nome do Partido Socialista e do seu Secretário-geral, António Costa, que sublinha o seu legado na alteração do paradigma das políticas públicas de apoio à Ciência e à Tecnologia e a sua "visão e coragem política" para conceber a aposta e o investimento nessas áreas como incontornáveis fatores de progresso e de crescimento para um país.

António Costa destacou o "dirigente académico resistente na luta contra a ditadura" e prestou homenagem "ao grande cientista, ao visionário que em 1990 publicou uma obra fundamental – 'O manifesto para a ciência em Portugal' - e ao governante exemplar que, em três ocasiões, nos últimos 20 anos, assumiu a pasta da Ciência e do Ensino Superior. Mariano Gago "mudou o paradigma da ciência em Portugal" e "colocou no centro da ambição política a sociedade do conhecimento", frisou o Secretário-geral do PS, destacando-lhe ainda "a preocupação incansável com a democratização da cultura científica".

O Partido Socialista perde um grande colaborador, que desde os Estados Gerais de 1995 participou sempre ativamente na definição das propostas e das políticas do partido nestas áreas, e perde também, como salientou António Costa, "um grande amigo".

Já Maria Manuel Leitão Marques, coordenadora da Agenda para a Década, afirma que conheceu "poucas pessoas na vida com interesses tão alargados, baseados em conhecimento, experiência e não em pura curiosidade. Sempre orientado para o que era preciso fazer. Por isso chamava muitos para falar e ouvia todos".

A antiga secretária de Estado



recorda que desde 1992, sem interrupções, mesmo quando foi ministro, "organizou meticulosamente, no Convento da Arrábida, 23 Encontros de Prospetiva, reuniões de trabalho alargadas, onde se discutiu muita coisa relevante para o desenvolvimento da sociedade portuguesa e das sociedades europeias como sociedades e economias baseadas no conhecimento".

Maria Manuel Leitão Marques lembra ainda uma "discussão

menos consensual" num dia de 2005 sobre a política para a administração eletrónica, em que o professor Mariano Gago anteviu que a direita não iria dar continuidade às políticas dos governos socialistas no que respeita ao Simplex, a algumas bases importantes da política científica e da cooperação com grandes universidades estrangeiras. "No momento até me pareceu exagerado. Vi mais tarde como ele tinha razão". ■

"Foi um líder estudantil de grande coragem na luta contra a ditadura, cientista internacionalmente reconhecido, ministro com um contributo excepcional para o desenvolvimento da ciência no nosso país e para a vida política portuguesa em geral, mas acima de tudo um grande e querido amigo. uma perda irreparável"

ANTÓNIO GUTERRES

"É o maior exemplo de compromisso público, de empenhamento, de ousadia e eficácia na ação, de intransigência perante a ignorância e a demagogia, que posso indicar aos mais novos"

AUGUSTO SANTOS SILVA

"Se alguma coisa o país lhe deve é ter podido, nas últimas décadas, dar um salto qualitativo absolutamente extraordinário em domínios críticos para o nosso futuro, em particular nas áreas da ciência, da tecnologia, da inovação, do ensino superior. Foi uma personalidade que deixou o país melhor"

PEDRO SILVA PEREIRA



JORGE FERREIRA

TRÊS PERGUNTAS FERNANDO ROCHA ANDRADE

SECRETÁRIO NACIONAL DO PS

A apresentação pelo PS de um cenário macroeconómico que servirá de base ao seu programa eleitoral é um exercício técnico inédito em Portugal. Que leitura faz desta inovação para uma maior credibilidade da nossa vida política?

Não é saudável para a democracia que os governos ignorem sucessivamente os compromissos assumidos em campanha como é o caso extremo da campanha eleitoral que conduziu à eleição desta maioria, assente na ideia de que toda a redução do défice se faria com corte nas "gorduras do Estado". Penso que este exercício é um passo em frente na forma de fazer política em Portugal. E um passo que se tornou absolutamente indispensável para a saúde da nossa vida democrática.

Quais as principais linhas propostas que fazem com que o cenário macroeconómico do PS seja alternativo?

Um dos dramas da estratégia de austeridade é a futilidade de alguns dos sacrifícios impostos – as perdas na economia levam a que não se consigam os ganhos pretendidos em termos de consolidação das contas públicas. A estratégia apresentada tem a mesma preocupação com a sustentabilidade das finanças públicas, mas consegue esses resultados com enfoque nos aspetos menosprezados pela atual maioria – crescimento, emprego e equidade social.

Como comenta o facto de o Governo andar a agitar o fantasma do regresso da troica?

A atitude da maioria perante as políticas da troica passou rapidamente de encarar a situação como oportunidade para implementar um conjunto de reformas que considerava desejáveis (com a ideia de "ir além da troica") para a constatação de que a troica seria a fonte de todo o mal. A proposta do PS não abandona os objetivos de estabilidade orçamental que, além das obrigações de Portugal, são fundamentais para o futuro do Estado Social. A diferença é que tais objetivos são prosseguidos evitando as opções políticas que impõem sacrifícios que não se traduzem em resultados. ■



JORGE FERREIRA

PS HOMENAGEIA DEPUTADOS À ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

O PS organizou no dia 25 de abril, na sede nacional, uma sessão de homenagem aos seus deputados eleitos há 40 anos para a Assembleia Constituinte.

NO DIA 25 de abril de 1975 tiveram lugar as primeiras eleições livres em Portugal. A missão da nova assembleia eleita foi a de elaborar a Constituição da República, texto que ainda vigora com as alterações introduzidas pelas sete revisões constitucionais. Falando nesta sessão de homenagem aos antigos deputados eleitos para a Constituinte, António Costa lamentou "que muitos já não estejam entre nós", destacando a figura ímpar do antigo presidente da Assembleia Constituinte, Henrique de Barros, e que alguns outros "não pertençam hoje ao PS", António Costa fez questão de sublinhar, contudo, que "todos farão sempre parte da História do PS". António Costa, ao lado de Mário Soares, depois de recordar o contributo fundamental dado pelo PS e pelos seus constituintes na elaboração da Lei Fundamental da República, referiu-se aos

princípios fundamentais da Constituição, designadamente, como referiu, no que respeita às competências do Presidente da República. Ao Presidente da República, disse António Costa, "não cabe definir programas de Governo, mas sim garantir e fazer cumprir a Constituição", função essencial que, "infelizmente, ao longo do último mandato presidencial, tem sido recordada, várias vezes, pelos piores motivos". O Presidente da República "tem uma função bem definida que é a de representar a nação". Lembrou, a propósito, Mário Soares como "exemplo dos exemplos da forma como se deve exercer o mandato presidencial", defendendo que o Presidente da República "deve ser o representante de todos os portugueses". Direitos que são "fundamentais", cabendo ao Presidente da República "garantir o seu integral



JORGE FERREIRA

cumprimento". Nesta homenagem, foi entregue a todos socialistas eleitos para a Constituinte de 1975 uma medalha, da autoria do escultor portuense José Rodrigues, que assinala a data. Foi também descerrada uma placa no salão nobre da sede nacional, pelo Secretário-geral, António Costa, e por Mário Soares, onde ficam gravados os nomes dos constituintes. Foram muitos os dirigentes, com responsabilidades políticas no passado

e no presente no Partido Socialista que marcaram presença, com destaque para Mário Soares, Almeida Santos, Manuel Alegre, Jaime Gama, António Arnaut ou António Campos, mas também o atual líder parlamentar, Ferro Rodrigues. António Costa saudou ainda "os militares de Abril" pelo fim da ditadura em Portugal e referiu-se depois à história do PS, dizendo que "garantiu na rua a liberdade" e que "consolidou a democracia" na Constituição da República. ■